

Caro leitor, se você me acompanha aqui semanalmente, com certeza, leu a minha coluna anterior “Feliz Aniversário”.

Caso você não tenha lido, é melhor se apressar, porque hoje trago a continuação da história de Anelise e seu pai, Geraldo Paulo.

Observação: nome correto da mãe de Anelise é Maria Mendes de Freitas. Maria Helena é a amiga da garota.

---

## Feliz Aniversário - Parte 2 (A verdade por traz de uma grande mentira)

Por Juliana Fernandes Gontijo

Depois da surpresa, seguida do susto na caixa de presente, Anelise deixou a limpeza do segundo camarim para outra colega. Provavelmente, todos os funcionários do hotel já sabiam que Geraldo Paulo, da UP-Wash Lavanderia, era o pai da garota. Otávio, amigo pessoal dele, havia arquitetado muito bem o plano da surpresa. Somente outros dois funcionários sabiam da história.

Quando Nelise saiu do camarim junto do pai, seus colegas logo lhe cantaram um “Parabéns pra você” com um enorme bolo de aniversário. Os dois ainda ficaram um tempo no hotel; conversaram com Otávio e ali resolveram que ela iria pedir demissão para assumir um cargo de secretária da gerência na UP-Wash. O pai queria, em pouco tempo, a filha também comandando a empresa. Combinaram de que ela cumpriria o aviso prévio para repassar o serviço a Maria Helena, sua substituta. A moça ficou triste, porque não iria mais conviver quase que diariamente com sua grande amiga Nelise, mas, por outro lado, muito feliz pela promoção inesperada.

Ao saírem do hotel, a filha de Geraldo Paulo começou o interrogatório ainda no carro:

- Pai, agora você vai me contar tudo o que aconteceu. Que história é essa de provar na justiça que não havia morrido, que o lance até saiu até na TV? Pelo amor de Deus, pai, eu quero a verdade! Eu chorei meses a sua morte! Tem ideia do que é isso para uma criança ou para qualquer pessoa? - A moça tremia de nervoso.

- Calma filha, como eu te falei, perdi a memória após o incêndio. O neurologista disse que eu passei por um estresse pós-traumático. A nossa geladeira caiu em cima da sua mãe, quando eu estava tentando salvá-la no incêndio. Ela não morreu de queimadura, foi politraumatismo. Eu tive muitas. Precisei fazer várias cirurgias de enxerto. Olha a minha perna! Viu que meu nariz está diferente? Olha nossa foto de quando sua mãe estava viva... Precisei mexer no nariz também. Depois do lapso de memória, que durou alguns dias, fui recobrando as ideias. Quatro cirurgias que não deram certo, mas saí do hospital, já me lembrando de tudo. Fiquei vagando dias pelas ruas de São Paulo. Morei num abrigo, até conseguir um bico de vigia num grande estacionamento e aluguei um quarto no Bela Vista. Aí os problemas começaram...

- Para de enrolar, pai! Conta logo...

- Nesse meio tempo, Nelise, eu te procurei em todos os hospitais perto de onde a gente morava. Eu não te encontrei. Eu achei, de verdade, que você tivesse morrido e teria sido sepultada como indigente. Afinal, você ficou sem documentos, pois queimou tudo no barraco e não via você lá dentro. O meu RG foi salvo, porque eu estava na rua, procurando emprego. Você não vai se lembrar disso.

- Mas pai, alguma coisa não bate nessa história...

- Deixa eu contar, Nelise. Eu preciso, mesmo que você não acredite!

- Tá bom...

Um dia, levantei cedo e fui pegar uma encomenda na porta da pensão onde eu morava. Ao chegar lá, uma mulher me olhou no fundo dos olhos e disse: “Foi você que matou meu marido!”. “Isso é uma grande mentira, senhora, eu sou um homem honesto, sem vícios, nunca tive problemas com a polícia...”, respondi. Não resolveu. Ela pegou o celular e chamou o 190. “Eu achei o assassino do meu marido! Mande uma viatura aqui, agora.” Gritou ela. O escândalo foi tanto que as cinco pessoas que moravam na pensão já não me deixaram mais sair de lá. A viatura me levou para a delegacia, e ali fui preso. Acho que era pessoa muito conhecida na polícia. Eu não tinha advogados, então precisei de um defensor público. E ainda fiquei preso por um mês. Quando saí da cadeia, encontraram o erro. O assassino, com o mesmo nome que o meu, havia sido morto pela polícia e sepultado no meu lugar. Um cara pardo, e eu, afrodescendente. Fiquei sabendo que o caixão estava lacrado, não foi? Não somos muito parecidos. Pode acreditar, mas até o nome de mãe era o mesmo, Maria da Silva Oliveira.

- Ah, conta outra pai...

- Então faça uma busca na internet. Saiu em vários jornais. Até eu começar a trabalhar na lavanderia eu ainda estava tentando limpar a minha ficha que sujaram. Como te falei, foram 6 meses para eu só provar que estava vivo. Você, com certeza não via TV, certo? Dei entrevista em muitos lugares tentando mostrar como a justiça estava errada. Não adiantou. Era cada coisa que eu ouvia: "Olha o cara que disse que não matou um homem e nem foi morto pela polícia e a mulher morreu no incêndio do barraco..." Ou "Isso é mais um roteiro de cinema de algum artista maluco, só pode ser..."

- Beleza, pai... Mas e o restaurante? O táxi batido? Como você conseguiu abrir um restaurante e ter licença de uma placa de táxi?

- Com uma mixaria que tinha no bolso, eu joguei no bicho, a data de aniversário da sua mãe: 21-08 e ganhei uma nota boa. Eu já tinha tentado entrar como sócio no estacionamento onde eu trabalhava, mas o cara descobriu meus problemas com a justiça. Dancei! Perdi toda minha economia no investimento. Saí de lá como se estivesse fugindo da polícia. Então me mandei para o Mato-Grosso, pedindo carona na estrada. Já com o dinheiro do prêmio, contratei um advogado para me ajudar a tirar da enrascada com a justiça; ele levou parte do dinheiro e não me resolveu o problema. Com o que sobrou, investi na compra de um pequeno restaurante de marmitex. Quando comecei a fazer o nome no interior do Mato-Grosso, apareceu um homem na loja e me detonou para os clientes, dizendo que eu fugia da polícia porque eu havia matado um camarada em São Paulo. Em uma semana, perdi todos os clientes e botaram fogo no barracão do marmitex, era ali que eu dormia.

- Quanta história, pai... Mas a placa do táxi?

- Eu voltei para São Paulo e consegui alugar uma placa e comprei um carro usado para recomeçar a vida. Depois de 1 mês e meio de trabalho, bateram no carro quando eu parei na Marginal, saí do carro para ver um problema no motor e colocar a sinalização na via. Um irresponsável sem freio apareceu e arrastou o carro junto. Os dois carros capotaram. Foi a minha sorte ter saído minutos antes. Deu PT, filha. Cheguei a achar que Deus estava com raiva de mim. Comecei de novo do zero. Procurei emprego novamente, mas já "armado". A UP-Wash procurava um encarregado para o escritório. Eu me candidatei e contei tudo o que me aconteceu para o senhor Eraldo, o dono. Quase implorei pela vaga. Ele me contratou e disse que se eu o decepcionasse não me ajudaria a limpar a barra com a justiça. Mas eu não mentia, filha. Eu apenas queria recuperar o meu nome. Ele me ajudou: limpei a barra na justiça, provando a minha inocência daquele assassinato. Processei o estado e estou aguardando o STF dar a decisão. Mas dinheiro nenhum vai trazer a sua mãe de volta e o tempo que eu fiquei sem você. Em menos de 1 ano, seu Eraldo me promoveu a gerente de uma das unidades, mas ele adoeceu com câncer. Foi muito severa a doença, a conta de ele fazer um testamento às pressas e me colocar nele, por obra do Senhor. Quando abriram o testamento, eu não acreditei: deixou ¼ da empresa para mim...

- E quando você me descobriu no hotel, pai?

- Há 1 mês! Na verdade, eu nunca quis acreditar que você realmente tivesse morrido. Às vezes, eu pegava olhando algumas mulheres e elas achavam que eu "dava em cima" delas. Mas não era isso. Eu procurava nas moças alguma semelhança com você. No dia em que fui discutir a renovação de contrato com Otávio, o jeito que você mexeu nos cabelos me chamou atenção. Eu pensei: é ela! Nelise tá viva. Sabe os presentes que começou a receber de hóspedes? Eram todos meus...

- Ah, me lembro agora de ter visto você no hall do hotel... Mas você estava, ou melhor, está tão diferente... Como eu poderia imaginar?... Que história, hein pai?... Parece mais um filme, meio sem nexos, um roteiro de cinema muito estranho... E eu achando que os presentes eram por causa do meu trabalho... Muito obrigada, pai!

- E para o exame de DNA, foi um pulo... Está lembrada da brincadeira de corte de cabelo com as meninas da recepção? Renata me ajudou com isso. Agradeça a ela... É também uma boa garota. Sim, filha, esse foi seu pai durante os 16 anos que você achou que eu estivesse morto... Me perdoe, por isso eu tive tanto medo naquele dia... Só mesmo o Otávio para me acalmar de outro choque eu tive: quando reconheci você!

- Realmente, concordo com você quando disse que eu poderia não acreditar... Se eu não confiasse tanto em você desde pequena, eu jamais acreditaria... Ainda teremos muito tempo para eu te contar tudo o que eu passei nesses longos e tão sofridos anos sem você e mamãe... Eu nunca poderia imaginar que em um dos meus aniversários, eu teria o melhor de todos os presentes que eu já ganhei! A sua vida! Eu te amo tanto, pai!

- Eu também te amo muito, minha filha! Pra sempre!...

Os dois se abraçaram por um longo tempo no carro, entre choros e sorrisos. E ali prometeram recomeçar a vida de onde eles tinham, de verdade, parado no tempo...